

14059 - Mutirão de Agricultura Ecológica (MÃE/UFF): A Extensão e a Prática Agroecológica na Universidade

Mutirão de Agricultura Ecológica (MÃE/UFF): The Extension and the Agroecological Practice at University

CARNEIRO, Mônica¹; CERQUEIRA, Victor²; PORTELA, Lorena³

¹ Universidade Federal Fluminense - UFF, monicardc@gmail.com; ² Universidade Federal Fluminense – UFF, victoralexandre@globo.com; ³ Universidade Federal Fluminense – UFF, lorenaportelasoares@gmail.com

Resumo: O Mutirão de Agricultura Ecológica (MÃE) é um grupo de Agroecologia formado por estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF-Niterói, RJ), principalmente da Geografia, onde teve início. O coletivo tem por objetivos pesquisar, praticar e divulgar os princípios da Agroecologia, aproximando-a do espaço acadêmico. O MÃE, enquanto projeto de extensão, busca refletir sobre o real compromisso da academia com a sociedade e estabelecer maior intercâmbio entre a prática e os conhecimentos passados em sala de aula, tendo como princípio a vivência e como forma organizativa a autogestão. Entre as práticas de construção coletiva dos saberes agroecológicos do grupo estão trabalhos de educação ambiental junto a alunos da educação básica pública, organização da Semana de Agroecologia na UFF, mutirões, vivências e atividades de formação e debate no campus e fora dele, com estudantes, agricultores e os diversos grupos sociais ligados à Agroecologia.

Palavras-Chave: Diálogo de saberes; vivência; mutirão; auto-gestão.

Abstract: The *Mutirão de Agricultura Ecológica (MÃE)* it's an agroecology group formed by students from the Fluminense Federal University (UFF-Niterói, Rio de Janeiro), mainly from the Geography department where the initiative started. The collective aims to research, practice and promote the principals of agro-ecology, approximating the practice to the academic space. As an extension project, the MAE looks to reflect on the academia's real commitment to society and establish greater exchange between practice and knowledge shared in the classroom, with the field experience and how to organize self-management as objectives. Among the practices to collectively build agroecological knowledge are environmental education projects together with public school students, the organization fo Agroecology Week at UFF, mutirões (collective task force works), training experiences and activities and debate both on and off campus with students, farmers and diverse social groups interested in Agroecology.

Keywords: Knowledge dialogue; field experience; work parties; self management.

Contexto

O Mutirão de Agricultura Ecológica se estruturou a partir do sentimento dos integrantes de uma grande lacuna na sua formação dentro da universidade, principalmente no que se refere à relação entre ensino, pesquisa e prática. A Universidade vem reconhecendo o seu distanciamento da sociedade e do compromisso social de produzir um conhecimento articulado, num trabalho conjunto que traga resultados. Dessa forma, o projeto MÃE, surge para conceber a necessidade sentida pelos estudantes, em sua formação universitária, de estudar e, sobretudo, praticar a Agroecologia.

Assim, em 2006, se institucionalizou sob a forma de um Projeto de Extensão. Porém, uma extensão que busca, sobretudo, uma metodologia baseada na troca de saberes e que só pode se dar plenamente de forma crítica à própria extensão que se realiza tradicionalmente.

A ação de extensão tem como base para a formação universitária o tripé ensino-pesquisa-extensão. O projeto procura uma formação universitária mais abrangente e integral, no qual as ações de extensão são parte de um processo pedagógico, que se desdobram em atividades conjuntas no processo de construção do conhecimento. Tendo papel central tanto o conhecimento local dos agricultores quanto o conhecimento científico dos estudantes e professores, além do conhecimento teórico e prático dos parceiros.

Muito além de uma técnica fria, a Agroecologia é, de forma muito clara para o grupo, uma nova forma de relação social. Seus pressupostos de ajuda mútua entre as espécies para obter uma produção agrícola economicamente viável, ecologicamente saudável e integrada ao ecossistema local, ultrapassam o plano da técnica e acabam por penetrar a esfera social, dando forma a novos tipos de relação, reforçando nossos anseios por uma teoria/prática que vise acima de tudo o diálogo (LEFF, 2002).

Desta forma, a dialética entre os participantes dos espaços concebidos e vividos pelo/junto ao projeto, faz com que o meio acadêmico seja permeado por práticas e viveres tradicionais – trazidos seja por integrantes do grupo, seja por cursos ministrados por agricultores. Dessa maneira o tripé extensionista se faz difuso e complexo, nos remetendo a um movimento cíclico de valorização de saberes.

Descrição da experiência

O trabalho se realiza na perspectiva do diálogo dos saberes, por entender que todos os seres estão em constante diálogo e movimento – tal metodologia é baseada na pedagogia Freiriana, onde o processo educacional se desenvolve de maneira horizontal e participativa (FREIRE, 2000). Movimento esse que os modifica e modifica a todo tempo o ambiente ao redor, nos tornando, de acordo com a ideia Lefebvriana, corpos e mentes em movimento para acompanhar a dialética da sociedade e do espaço em si, que se tornam difusos, complexos e metamórficos em sua essência (LEFEBVRE, 1973 e 1991). Partindo do respeito a todos os tipos de saberes, reconhecendo-os como formas de conhecimento complexas e valiosas, construímos nossas atividades teóricas e práticas através de metodologias participativas – freirianas – junto aos estudantes da Universidade, das escolas trabalhadas e aos parceiros. Assim, busca contribuir para a re-significação do espaço da Universidade e das escolas, além da forma de construção do conhecimento.

O trabalho contínuo de re-significação dos espaços tem como meta quebrar rotinas visuais/estéticas e utilitárias dos espaços, buscando, através de mutirões, transformar áreas esquecidas dentro da universidade e da escola – com intuito de expandir para todos os espaços pelos quais os participantes das atividades transitam e tenham alguma conexão – em áreas verdes, de convivência e aprendizado.

O trabalho em mutirão é entendido como fundamental para construção do saber com o qual o grupo se propõe a trabalhar. É a partir desses momentos de troca e trabalho em conjunto por um objetivo comum que muitos diálogos se abrem e torna o conhecimento algo mais fluido e participativo. Além de acreditar que o trabalho se dá de forma mais prazerosa e harmoniosa quando é dividido e compartilhado.

Dentro da UFF o grupo procura re-significar em uma pequena área, não maior que 8m x 8m, investindo em composteiras, pequenas áreas de plantio diversificado, reutilização de material para construção das estruturas e bioconstruções de banco e forno de pizza. Com as composteiras e áreas de plantio procura-se ampliar a conexão dos transeuntes com os ciclos naturais e a idéia de processo, de continuidade e de tempo da natureza. No colégio o trabalho se dá por meio de construção e manutenção de hortas, manejo de materiais orgânicos e reutilização de materiais, onde outros sentidos e experiências também são estimulados nos alunos, tentando despertar novas formas de aprendizado, que não a tradicional sala de aula, e a transmissão horizontal de conteúdos para os alunos e destes para outros. Além de visar potencializar o envolvimento e compreensão dos alunos, familiares, funcionários e professores das escolas com o tema agroecológico, através de atividades lúdicas e participativas.



Foto: Área trabalhada dentro da UFF - 2012



Foto: Atividade no Colégio Universitário Geraldo Reis – Coluni (UFF) - 2010

Essas áreas são utilizadas também para encontros formativos do grupo e demais interessados. Assim, consolida-se um grupo de estudos aberto, no qual através de levantamento bibliográfico e produções audiovisuais debatem-se temas como produção, alimentação e nutrição, questão agrária, políticas públicas, habitação e qualidade de vida, permacultura, saneamento e tecnologias sociais.

As vivências são bases fundamentais para crescimento e amadurecimento do grupo e dos conhecimentos agroecológicos do mesmo. São experiências que se desenvolvem em outros espaços que não os trabalhados mais rotineiramente, como os sítios e espaços diversos com experiências agroecológicas no Estado do Rio de Janeiro e a participação em encontros e eventos oficiais ligados ao tema. Assim, objetiva-se também a troca de saberes com outros atores, como agricultores e movimentos sociais e a experiência de outras formas de organização que se confronte com a sociedade capitalista moderna.



Foto: Vivência Sítio Bela Vista - 2011

Por fim, a Semana de Agroecologia, organizada anualmente no final do segundo semestre letivo da universidade, é um momento para organização e divulgação das atividades realizadas pelo grupo, além da troca com outros profissionais. É formada por três eixos metodológicos fundamentais relacionados à teoria (palestras e mesas redonda), prática (oficinas, feira de alimentos) e trabalho de campo (intercâmbio e visita a experiências agroecológicas e/ou permaculturais no campo ou na cidade com agricultores, quilombolas, caiçaras, pescadores). Com esta atividade busca-se expandir o público alvo dos trabalhos do grupo e a troca de conhecimentos entre estes de forma mais intensiva e sistemática.



Foto: Semana de Agroecologia - 2008

Resultados

O grupo, no espaço que é dentro da Universidade, pode constatar alguns resultados práticos, foram eles: a mudança dos horizontes do solo mais próximos a superfície, com a incorporação de matéria orgânica provinda das compostagens; e a estratificação da área em diversas camadas relativas a flora, o que também permitiu a maior incorporação de matéria orgânica e fixação da inorgânica por meio das leguminosas. Esta estratificação foi benéfica também para a fauna local, uma vez que interagindo os diferentes estratos e frutificando, atraiu animais como aves, macacos, abelhas etc. Criando assim uma beleza cênica local e re-significando um espaço esquecido pelos alunos e funcionários.

No plano extensionista, nossa prática só pode se dar de forma crítica à própria extensão que vem sendo realizada tradicionalmente. Baseada na imposição de modelos tanto agrícolas, como econômicos e comportamentais. Assim, o grupo busca praticar uma extensão coerente com uma técnica baseada no diálogo através

do respeito a todos os tipos de saber como formas de conhecimento tão complexas quanto a mais avançada das chamadas ciências.

Tendo isto em vista, o trabalho segue de forma permanente e em constante processo educacional dialético. Seja ele no campo da reflexão interna do grupo, que é muito feita no espaço acadêmico. Seja nas esferas do ensino público onde as desigualdades tornam-se mais gritantes, e a quebra de paradigmas instituídos através de gerações se dá de forma lenta e gradual, por meio dos processos educacionais com base agroecológicas. Tais bases nos tem mostrado de forma satisfatória, uma vez que ressalta a curiosidade dos estudantes – que parecia perdida em meio a espaços escolares –, para pesquisar e questionar. O que leva os educadores a uma forma cíclica de produção de conhecimento e o próprio questionamento epistemológico da ação e da ciência. Os espaços escolares, bem como o espaço da Semana de Agroecologia se tornam cada vez mais espaços de trocas horizontais e de formação e capacitação de pessoas junto a práticas agroecológicas (sejam estas de alimentação, construção civil, beneficiamento de produção, sistemas de produção agrofloretais – consórcios, etc –, questões relativas à gênero, entre outras).

Referências bibliográficas:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LEFEBVRE, Henri. *A Reprodução das Relações de Produção*. Tradução: Antonio Ribeiro e M. do Amaral. **Cadernos O Homem e a Sociedade**. Porto (Portugal): Publicações Escorpião, 1973.

_____. **Lógica Formal/Lógica Dialética**. 5ª ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar. 2002.